

**A REALIZAÇÃO DA LATERAL PALATAL /ʎ/  
NO ATLAS LINGUÍSTICO DO ACRE (ALiAC)**

*Janaína Maciel dos Santos* (UFAC)

jannayna.maciel@hotmail.com

*Lindinalva Messias do Nascimento Chaves* (UFAC)

lindinalvamessias@yahoo.com.br

**1. Introdução**

Neste estudo, analisamos um fenômeno de variação do português do Brasil, a lateral palatal /ʎ/, em dados experimentais do Atlas Linguístico do Acre (ALiAC), referentes às Regionais do Alto Acre (Xapuri, Brasileia e Assis Brasil) e do Purus (Sena Madureira, Manoel Urbano e Santa Rosa do Purus). Trata-se de ampliação do projeto de pesquisa do ano 2010/2011, em que examinamos a lateral /l/ em posição de coda silábica nos falares do Alto Acre. Assim, mudamos o aspecto fonético em questão, sem, contudo, alterar a classe, quanto ao modo articulatório, permanecendo no âmbito dos segmentos consonânticos laterais. Além disso, ampliamos o número de localidades para o estudo.

Como ponto de partida, colocamos as seguintes questões:

- a) Como se realiza a lateral palatal nos dados do ALiAC?
- b) Existe estabilidade das variantes encontradas?

Nosso objetivo geral é descrever as realizações fonéticas da consoante lateral palatal /ʎ/, que se situa entre os fonemas da língua portuguesa com maior possibilidade de variação, no *corpus* do Atlas Linguístico do Acre – ALiAC, numa tentativa de contribuição para a descrição do consonantismo na variante da língua portuguesa empregada neste estado. Mais especificamente, pretendemos identificar as variantes existentes no *corpus*, identificar o alcance geográfico (no ALiAC) dessas realizações, detectar a importância dos fatores sociais gênero e idade para a ocorrência de cada variante.

Nosso trabalho está situado no âmbito da dialetologia e da geolinguística, sem, deixar de lado alguns parâmetros da sociolinguística, principalmente os sociais (faixa etária e sexo). Cabe ressaltar que, embora já exista, em Rio Branco, um trabalho, o de Melo (2008), sobre a realização da palatal, este se deu apenas no enfoque da sociolinguística, o que justi-

fica a execução de análises complementares. Além disso, comparamos nossos resultados aos de Melo, o que pode resultar em dados interessantes tendo em vista que esta autora debruçou-se sobre o falar de uma zona urbana de Rio Branco enquanto esta pesquisa voltou-se, também, para outros municípios do estado do Acre.

Do ponto de vista fonético-articulatório, o fonema /ʎ/, é classificado, de forma geral, como lateral palatal sonoro; ao lado do /ɲ/ é do tipo de consoantes que a fonética tem chamado tradicionalmente de molhadas. No que se refere à posição na sílaba, Câmara Jr. (1977, p. 76) assinalou que o “lh” e o “nh” são raríssimos em posição inicial e só encontráveis em empréstimos espanhóis e no pronome de 3ª pessoa *lhe*; na esteira deste autor, Callou e Leite (1995, p. 68) relembram o fato de que, em posição inicial, alguns fonemas praticamente não ocorrem e fornecem os exemplos de [ʎ] e [ɲ]; ]; em posição pós-vocálica, continuam as autoras, “o quadro das consoantes portuguesas se reduz a alguns fonemas” /S, R, L, N/, fato bem demonstrado por Câmara Jr. E outros gramáticos ou linguistas da língua portuguesa.

Finalizando, registramos que, no nosso texto, em todas as vezes que nos reportamos a estudos de outros pesquisadores, mantemos os símbolos fonéticos por eles utilizados, o que explica a aparente discrepância na utilização de alguns símbolos. Para a nossa notação fonética, contudo, seguimos o alfabeto internacional e, no que se refere à iotização de [ʎ], adotamos o símbolo [j].

## **2. Material e método**

As regionais do ALiAC que constituíram esta pesquisa são, conforme já mencionado na Introdução: Regional do Alto Acre (municípios de Brasileia, Xapuri, Assis Brasil), e Regional do Purus (municípios de Sena Madureira, Manoel Urbano, Santa Rosa do Purus). São 4 informantes por município, 2 homens e 2 mulheres, em duas faixas etárias, 18-30 anos, e 50-65 anos, com escolaridade máxima no quinto ano do nível fundamental.

A escolha dos pontos de inquérito e a seleção dos informantes obedeceram a critérios bem delimitados, dentre os quais mencionamos ser natural da localidade, não ter se afastado dela por muito tempo e ser filho de pessoas da região ou, pelo menos, do estado. As gravações foram produzidas com um gravador digital ao qual foi acoplado um microfone uni-

direcional. O instrumento de pesquisa foi o questionário fonético-fonológico do Atlas Linguístico do Brasil – ALiB, seguido de narrativas livres.

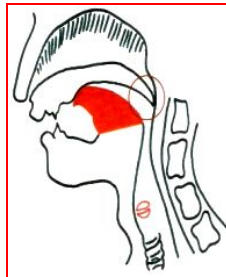
O *corpus* foi constituído de 327 produções, oriundas do questionário fonético-fonológico do ALiAC,<sup>20</sup> do qual citamos como exemplos: *grelha* [ˈgrɛa], *trabalhar* [trabajˈa], *mulher* [muˈlɛh], *barguilha* [bahˈgɛɾɐ] / [bahˈgja] / [bɛhˈgiɫɐ], *velho* [ˈvɛɫu].

A partir da escuta das gravações, efetuamos a transcrição fonética dos vocábulos que nos interessavam. Uma segunda escuta dos mesmos dados foi efetuada por outro pesquisador do CED-Ac, visto ser um dos critérios adotados por este grupo de pesquisa para qualquer trabalho de cunho fonético.

No que concerne à análise, optamos pelo método estatístico simples, sem recorrer a programas computacionais tendo em vista a baixa produtividade do fonema e conseqüente número reduzido dos dados.

### 3. *A lateral palatal, o processo de despatalização e as variantes de /ɫ/*

O fonema /ɫ/ é descrito fonética e fonologicamente como consoante oral, sonora, lateral, dorso-palatal. No diagrama abaixo, tem-se a representação desse fonema:



**Fig. 1 – Articulação do fonema /ɫ/. Fonte: MELO (2008, p. 58).**

Na sua articulação, o dorso da língua (articulador ativo) toca o palato médio (articulador passivo). O levantamento da úvula impede que o

---

<sup>20</sup> A equipe do ALiAC utiliza os questionários do Atlas Linguístico do Brasil (ALiB).

ar seja expelido pela cavidade nasal, saindo exclusivamente pelas laterais da boca (fonema oral), ocorrendo, ainda, vibração das pregas vocais (fonema sonoro).

A despalatalização do fonema /ʎ/ no português do Brasil consiste em um processo fonético no qual o segmento perde sua característica palatal, ou seja, deixa de ser pronunciado na região do palato duro, dando margem à produção de uma série de variantes, entre as quais a conseqüente iotização e o apagamento total do segmento com redução da sílaba em que o mesmo se encontra (MELO, 2008, p. 18). Assim, em determinados contextos, por facilidade ou relaxamento de articulação, o /ʎ/ pode perder o traço palatal, passando a ser articulado como alveolar [l], como iode [j] ou sofrer apagamento, desaparecendo (ARAGÃO, 2009, p. 168). Além destas, outras articulações são atribuídas a este fonema nos estudos de diversos autores em diferentes regiões do país. Em conjunto, podemos citar: lateral palatal [ʎ] – considerado socialmente como variante de prestígio –; lateral palatal seguida de semivogal [ʎj]; semivocalizado ou iotizado [j]; lateral alveolar palatalizada [ʎʎ]; lateral alveolar [l]; zero fonético [ø] (SILVA, 2002, p. 64-65). Referindo-se a três dessas variantes, Silva diz que na articulação da lateral palatalizada [ʎʎ] há o levantamento da ponta da língua em direção aos alvéolos (ou dentes incisivos superiores) e, concomitantemente, a região média da língua levanta-se em direção ao palato duro. Já na articulação da lateral palatal [ʎ], a parte média da língua levanta-se em direção ao palato duro e a ponta da língua encontra-se abaixada, próxima aos dentes frontais inferiores. Nos casos em que o [j] ocorre, temos uma articulação de qualidade vocálica de i ocupando a posição consonantal correspondente ao dígrafo “lh”.

#### **4. Alguns estudos sobre a lateral palatal em algumas regiões do Brasil**

Diversos autores têm se debruçado sobre a questão da lateral palatal na língua portuguesa, tanto no âmbito da sociolinguística, quanto nos parâmetros da dialetologia e da geolinguística. Silveira (1986, p. 101-102) destaca que a individualidade fonológica de /ʎ/ compreende um conjunto de traços acústico-articulatórios: palatal, lateral que, apesar das variabilidades sonoras, será manifestado nos sons que o realizam. O fonema /ʎ/ é realizado por [ʎ], porém são encontradas, também, outras bases articulatórias, como [y, yy, l, ly] cujas descrições, fornecidas por Silveira

ra, colocamos no quadro a seguir:

Bases articulatórias	Processo que ocorre	A posição em que ocorre	Descrição do processo
(variante combinatória) [y]	Semivocalização	Intervocálica, com pausa entre sílabas	/mU/éR/ – [muy,é], “mulher”
(variante combinatória) [yy]	Semivocalização e propagação	Intervocálica, sem pausa entre as sílabas	/mU/éR/ – [muyy,é] “mulher”
(variante livre) [l]	Realização alveolar de /ʎ/	Intervocálica	/,ó/US/ – [,ólus] – “olhos”
(variante livre) [ly]	Despalatalização de /ʎ/	Intervocálica	/fí/U/ – [fílyu] – “filho”

A partir de um *corpus* de 13 entrevistas realizadas por pesquisadores do Projeto de Pesquisa dos Dialetos Sociais Cearenses, com informantes de 11 bairros de Fortaleza, por faixas etárias que vão de 10 a 40 anos, homens e mulheres, com níveis de escolaridade entre o 1º e 2º Grau, de classe média baixa e de profissões variadas, Aragão (1996, p. 2-8) utilizou uma amostragem de 6 informantes. A autora descreveu a realização do /ʎ/ e do /ɲ/ do português falado em Fortaleza, a despalatalização, a iotização e o apagamento, além de correlacioná-los com os contextos linguísticos em que foram produzidos. Os resultados de suas primeiras análises mostram as seguintes tendências: Iotização do /ʎ/ e do /ɲ/ em sílabas medial e final de palavra; permanência do /ʎ/ e do /ɲ/ seguidos de vogais abertas / a - ε - ɔ /; não ocorrência ou ocorrência com frequência mínima do apagamento do /ʎ/, da despalatalização do /ʎ > l/, da dupla iotização do /ʎ - ɲ > yy/.

Madureira (1999, p. 11-13) propôs uma reflexão sobre a vocalização da lateral palatal no português brasileiro e constatou que um bom número de falantes do grupo socialmente menos favorecido desconhecia a articulação da lateral palatal, ou seja, toda e qualquer palavra contendo a variável é sistematicamente pronunciada com a semivogal palatal, inclusive aquelas que integram as listas de pares mínimos do tipo teia – telha, vazia – vasilha. A única exceção aparece quando a variável é seguida de /i/ ou /e/ realizando-se, então, como lateral alveolar; quanto a esta variante, [l], ela se apresenta com as características de uma variante em extinção na medida em que se realiza, preferencialmente, na fala dos mais velhos.

Em estudos referentes aos estados da Paraíba e do Ceará, Aragão

(1999, p. 17) e (2004, p. 38) apontou variantes de baixas frequências ou não ocorrências, como:

Ocorrências	Exemplos
Dupla iotização [ʎ > yy]	Galhinho [ga' ʎ i ʝ u > ga'liyyu]
Despalatalização simples do [y - l]	Mulher [mu' ʎ ε > mu'le]; Bilha ['biʎa > 'bila]
Apagamento do [ʎ] não ocorreu em nenhum caso.	

Castro (2006, p. 11) examinou o uso da semivogal [y] e o uso da consoante lateral palatal [ʎ] no português falado pela comunidade afro-descendente de Matição, Jaboticatubas/MG, chegando à conclusão de que [y] e [ʎ] são consideradas como duas variantes (a primeira, conservadora e a segunda, inovadora) de uma variável linguística cujo comportamento é influenciado por fatores linguísticos e sociais. Ela observou que os fatores vogal precedente [i] e [u], substantivo, adjetivo e os mais jovens (entre 25 e 45 anos) favoreceram o uso da lateral palatal [ʎ]. Para ela, evidencia-se então, que a variação se associa a uma característica de mudança em progresso (em direção ao uso da lateral palatal e consequente perda da semivogal). Esses resultados, de acordo com a autora, ainda permitem supor que, na comunidade de Matição, há inserção da variável [ʎ] através dos falantes mais jovens, pois eles mantêm um contato mais frequente com a comunidade urbana de Jaboticatubas – MG.

Brandão (2007, p. 89-99) focalizou a variação da lateral palatal na variedade popular de treze comunidades do Estado do Rio de Janeiro, com base em dados selecionados de 78 inquiridos e com apoio nos fundamentos teóricos e metodológicos da sociolinguística variacionista. A respeito do estudo sobre a variável (ʎ) na fala do Norte e do Noroeste fluminenses, a autora demonstrou que, do ponto de vista estrutural, [ʎ] está presente na fala de todos os informantes, concorrendo, sobretudo com [lj], a segunda variante mais produtiva. Ela observou, também, que, diante de [i], [ʎ] concorre com o cancelamento ou com [l], condicionado, sobretudo pela presença da nasal palatal no vocábulo, não se observando, nesse contexto, as demais variantes. Continuando no campo dos fatores linguísticos, Brandão escreve que [j] ocorre, preferencialmente, depois de vogal aberta. Já do ponto de vista extralinguístico, os resultados confirmaram a hipótese inicial da autora no sentido de que, embora fortemente motivadas por fatores de natureza estrutural, as variantes [lj] e [j] são também condicionadas por fatores de natureza diatópica e diastrática; os resultados demonstraram, também, que, no território fluminense, ao con-

trário do que se verifica em outras áreas do país, parece prevalecer mesmo em pequenas comunidades rurais ou semiurbanizadas, a variante [ɛ]. Por fim, para Brandão, seus dados permitem estabelecer dois padrões de variação, um socialmente não marcado, presente na fala de 17% dos informantes da pesquisa, outro socialmente marcado, que constitui a norma em 83% dos casos.

Melo (2008, p. 88-125) buscou verificar como se configura a alternância de uso das variações dos fonemas / ɛ / e /j/ na fala riobranquense, bem como os fatores linguísticos e sociais que exercem influência no uso das mesmas. A autora chegou à seguinte conclusão: a variante [ɛ], considerada de maior prestígio social apresentou o mais alto índice de ocorrências (1.750 realizações, 78.7% do total), exemplo: joelho [ju'eɛʊ]. Em ordem decrescente, seguiram-se as variantes: [lj] (253 realizações, 11.4% do total), exemplo: pilha ['pilja]; [ɛj] (111 realizações, 5% do total), exemplo: cartilha [kah'tʃiɛj]; [l] (87 realizações, 3.9% do total), exemplo: bilhete [bi'letʃɪ]; [j] (22 realizações, 1% do total), exemplo: folhas ['foja]; [ø] (1 realização, 0% do total) abelha [a'bea].

Aragão (2009, p. 172) analisou as diferenças diatópicas e as marcas do falar do Ceará, representado pela capital, Fortaleza e da Paraíba, representado pela capital, João Pessoa, que, apesar de serem localidades distintas, apresentam, segundo ela, dados bastante semelhantes.

Ocorrência	Exemplos
Permanência do / ɛ / tanto em sílaba medial quanto em final.	Milho ['mi ɛ u]; Melhora [mi'ɛɔra]; Brincalhona [b ɛ ŋka' ɛ ãna]
A iotização do / ɛ /, em sílabas mediais e finais.	Filho ['fiɫu > 'fiy]; Milha ['mi ɛ a > 'miya]; Trabalhador [trabaɫa'do fi > trabaya'do]

Cruz (2009) realizou pesquisa com o objetivo de analisar o processo de semivocalização das consoantes líquidas em posição pré-vocálica e pós-vocálica na língua portuguesa, tanto no campo da aquisição da linguagem quanto no da variação linguística. Ela concluiu que: o processo denominado semivocalização ocorre com as líquidas laterais /l/ e / ɛ /, entretanto, quando na área de estudo da variação linguística, observa-se que somente ocorre tal processo com a lateral / ɛ /, pois a realização de [l] como [w] vem sendo considerada uma regra geral em final de sílaba. Para que isso ocorra, há a despalatalização dessa consoante e, posteriormente, a iotização da mesma.

Soares (2009, p. 1-11) fez uma análise da variação da lateral palatal no estado do Pará, onde pôde identificar as seguintes realizações: lateral palatal [ʎ] [ba'ra ʎ u] 'baralho'; lateral palatalizada [lj] [mu'ljɛ] 'mulher'; lateral alveolar/dental seguida de semivogal [lj] [tra'balju] 'trabalho'; lateral alveolar/dental [l] [mu'le] 'mulher', semivogal [j] [paja] 'palha', zero fonético [ø] [tea] 'telha'. A autora chegou à conclusão de que o uso das variantes identificadas é condicionado por fatores sociais associados às condições dos informantes, sendo que os pesos relacionados ao fator sexo indicaram que falantes de sexo feminino dão preferência às realizações [lj], enquanto falantes do sexo masculino têm preferência pela variante [j]. Quanto à faixa etária, a distribuição das variantes, tanto entre os mais jovens quanto entre os mais velhos, mostra que se trata de um fenômeno de variação estável. Em relação à escolaridade, nota-se que o menor nível dos falantes os faz tender ao maior uso de [j], ao passo que a maior escolaridade os faz dar preferência a [lj] e [lj]. Por fim, em relação ao fator origem geográfica os resultados apontaram duas formas de realização das variantes: de um lado, formas palatal/palatalizada, representadas na fala de Belém, Bragança, Soure e Santarém, e, de outro, formas despalatalizadas, representadas na fala de Altamira e Marabá.

Chaves e Melo (2010, p. 1-6), debruçando-se sobre o mesmo *corpus* do estudo de Melo, anteriormente mencionado, detectaram que o fator idade exerceu uma considerável influência sobre as ocorrências, observando-se que a variante [ʎ] é a mais produzida entre jovens (18 a 35 anos); já na faixa intermediária (36 a 53 anos), há a tendência ao uso de [ly] e [y] e, por último, na faixa etária mais idosa (acima de 54 anos) predominou o uso de [ly]. Além desse fator social, os dados foram analisados quanto ao grau escolaridade verificando-se que as pessoas mais escolarizadas produziram com mais frequência [ʎ] e [ly] ao passo que as menos escolarizadas preferiram a iotização ou apagamento; já em relação ao fator gênero, a análise mostrou maior tendência dos homens para manter a variante palatalizada [ʎ] enquanto as mulheres tiveram maior inclinação para a variante despalatalizada [ly].

Ao fazer uma análise da realização variável do fonema lateral palatal / ʎ /, Razky e Fernandes (2010, p. 375-393) verificaram a presença quase categórica da variante palatal nos estados do Amapá e do Pará, sendo que as frequências baixas da variante iotizada e do zero fonético indicam que essas duas variantes estão em um processo de extinção, pelo avanço da urbanização e pelo peso de uma escolarização crescente.



Constatou-se, portanto, que a variação do fonema em estudo se dá por condicionamentos linguísticos, sociais e geográficos.

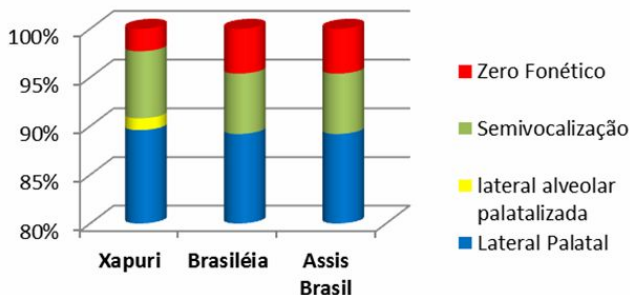
Freire (2011, p. 96-97) fez um estudo a respeito da lateral palatal e suas realizações no dialeto paraibano; este autor preocupou-se em descrever como ocorre o processo variável de uso da lateral palatal à luz da teoria da variação a partir de dois *corpora*: um *corpus* sincrônico coletado na cidade de Jacaraú (Paraíba) e um diacrônico, com textos do século XVIII. Com relação ao *corpus* diacrônico, atestou-se a existência de um processo de variação dos segmentos laterais [ʎ ~ l] e [ʎ ~ j] desde o século XVIII na língua portuguesa. Também foi observada, com 93% das ocorrências, a manutenção do segmento / ø /, utilizados preferencialmente na fala de informantes femininos e escolarizados. Diferentemente, os informantes analfabetos são os que mais realizaram as variantes lateral alveolar [l], a semivogal [j] e o apagamento [ø]. Os informantes com mais de 50 anos são os que mais produziram as variantes não padrão. Freire ressaltou que seus dados são comparáveis aos de Brandão (2007).

Cruz (2012, p. 1-5) apresentou resultados de uma pesquisa sobre a variação da lateral palatal / ʎ / e da palatalização da lateral alveolar /l/, realizada com 13 acadêmicos da Universidade Federal de Roraima. O estudo sobre o fonema / ʎ / demonstrou que a consoante lateral palatal [ʎ] está presente na fala de todos os informantes, concorrendo, sobretudo com [l<sup>h</sup>]. Em seus dados, 77% dos informantes fazem uso do alofone [ʎ], variando para [l<sup>h</sup>] em ambientes em que a articulação se torna mais favorável, como a presença de vogais altas como segmento fonético antecedente, por exemplo. Dos 23% dos informantes que fizeram uso do [l<sup>h</sup>], apenas um informante produziu esse fonema como predominante. Identificou-se também a ausência da despalatalização e iotização do fonema / ʎ /, cuja explicação reside, segundo Cruz, no fator social relacionado ao grau de escolaridade dos informantes.

## **5. A lateral palatal neste estudo**

A primeira regional, do Alto Acre, (composta pelos municípios de Brasileia, Assis Brasil e Xapuri) apresenta 217 produções com as variantes do fonema / ʎ / e a segunda regional, do Purus, (composta por Manuel Urbano, Santa Rosa e Sena Madureira), apresenta apenas 110 produções com as variantes do fonema / ʎ /.

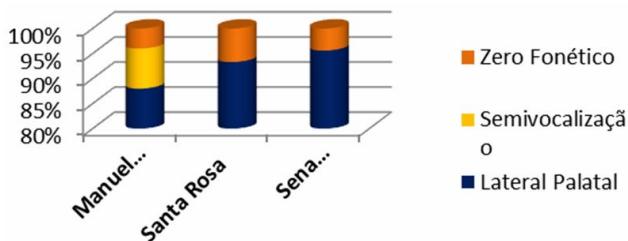
Na figura 2, a seguir, apresentam-se, em forma de gráfico, os resultados mais gerais relacionados ao conjunto de dados da regional do Alto Acre.



**Figura 2 – / ʎ / no Alto Acre**

Das 217 ocorrências, em 194 (89,5%), a consoante foi pronunciada como lateral palatal e em 14 (6,4%) dos casos houve a semivocalização de / ʎ /. Os demais casos apresentaram-se da seguinte forma: 8 (3,6 %) casos de zero fonético; apenas 1 caso (0,5%) em que a lateral palatal foi despalatalizada, sendo produzida como uma lateral alveolar. Tal despalatalização ocorreu no item lexical “ovelhinha”, pronunciado [ove'liɲɐ] por uma informante.

A figura 3 traz os resultados gerais da regional do Purus.



**Figura 2 - /ʎ/ no Purus**

Das 110 ocorrências, em 101 (91,8 %), a consoante foi pronunciada como lateral palatal e em 4 (3,6 %) houve casos de semivocalização. Ocorreram ainda 5 (4,6%) apagamentos (zero fonético) do total de palavras.

No que concerne aos fatores linguísticos que intervêm na realização de / ʎ /, citamos os constantes na seção 5.1 até a 5.4. Apresentaremos os nossos resultados, seguidos de comparações aos de Melo e dos outros autores citados no item 4.

### 5.1. Permanência do /ʎ/

O favorecimento da variante [ʎ], no contexto antecedente, se dá nos seguintes casos: vogal média anterior fechada [e] (28,3%), como, por exemplo, na palavra “ovelha” [o'veʎa]; alta posterior [u] (23,6%), como na palavra “barulho” [ba'ruʎu]; vogal baixa [a] (17,5%), como por exemplo, na palavra “orvalho” [ɔh'vaʎu]; vogal alta anterior [i] (10,7%), por exemplo, na palavra “filho” [fiʎu]; vogal média anterior aberta [ɛ] (9,1%), como por exemplo, na palavra “velho” [ 'veʎu]; vogal média posterior fechada [o] (8,7%) como por exemplo, na palavra “olho” [ 'oʎu]; e, por último, vogal média posterior aberta [ɔ] (2,1%), como na palavra “olhos” [ 'ɔʎus].

Isso não ocorre nos resultados encontrados por Melo (2008, p. 87), em que há uma prevalência maior das vogais médias posteriores [o, ɔ] como favorecedoras da permanência de [ʎ], ao contrário dos dados desta pesquisa, em que tais vogais ocupam a última posição. Em seguida, Melo destaca, em ordem decrescente, as vogais [e], [a] e [u]; já em nossa pesquisa, encontramos estas mesmas variantes com [e] ocupando a primeira, [a] a terceira e [u] a segunda posição. Ainda nos referindo aos dados de Melo (2008, p. 87), não houve neles nenhuma ocorrência das vogais [i] e [ɛ], que neste estudo ocupam respectivamente a quarta e quinta posição no rol das variantes realizadas. Nossos resultados assemelham-se mais aos de Razky e Fernandes (2010, p. 385) que encontraram o fator vogal média anterior fechada [e] como a que apresenta o maior peso relativo (82), favorecendo a variante [ʎ].

Podemos observar em Castro (2006, p. 54, 55) que as vogais precedentes /ɔ – i – a – e/, respectivamente, apontam para o favorecimento da lateral palatal [ʎ], entretanto, nesta pesquisa, a vogal [e] aparece ocupando o primeiro lugar e, portanto, é a que mais influencia na permanência de [ʎ]. Em Castro, nota-se que, em ordem decrescente, as vogais precedentes /o – ɛ/ desfavorecem drasticamente a variante [ʎ], o que se confirma nesta pesquisa, pois as vogais que menos favoreceram a lateral palatal foram respectivamente as vogais [ɛ, o, ɔ].

Em relação ao contexto subsequente, apresentamos os seguintes resultados: a vogal [u] é a grande responsável pela conservação do /ʎ/ nesse contexto, com o percentual de 40,9% ocorrendo, como por exemplo, na palavra “velho” [ 'veʎu]. Em seguida, em ordem decrescente/ temos as vogais [ɛ] (13,9%) tendo como exemplo, a palavra “mulher” [mu'ʎɛ]; [o] (1,8%), como exemplo, na palavra “cambalhota” [kãba'ʎota] e [ɔ] (0,8%) como exemplo, na palavra “melhor” [mɛ'ʎɔ].

Em Melo (2008, p. 89), os dados indicam que o favorecimento da permanência de /ʎ/ está relacionado às vogais baixas oral e nasal. Apesar da vogal [a] em nossa pesquisa ter contido um alto índice de probabilidade (o equivalente a 40,9%), ela se encontra em segundo lugar, pois os resultados apontam que a vogal [u] é a grande responsável pela conservação do /ʎ/ nesse contexto, com o percentual de 42,6%.

Nos dados analisados por Aragão (1996, p. 7) tudo parece indicar que as vogais abertas /a – ε – ɔ / posteriores ao / ʎ / podem ter alguma influência nessa permanência. Na pesquisa de Razky e Fernandes (2010, p. 386) as vogais médias anteriores e posteriores [ε, o, e, ɔ], são as que mais favorecem a permanência de [ʎ], sendo que a vogal média posterior fechada [o] apresenta maior produtividade em relação às demais, já a vogal oral baixa [a, e], as vogais nasais baixa e média atuam de forma desfavorável da variante [ʎ], o que não ocorre em nossa pesquisa, pois as variantes [ε, o, ɔ] em ordem decrescente desfavorecem a lateral palatal, onde a vogal [o] ocupa a quarta posição no pódio. A vogal [u], em nossa pesquisa, é a que mais favorece o [ʎ] e a vogal [a] ocupa a segunda posição de vogal mais pronunciada, não havendo ocorrências de vogais nasais.

## **5.2. Semivocalização do / ʎ /**

Nesta pesquisa, no contexto antecedente, a variante [j] é favorecida em primeiro lugar pela vogal [ε] (47,4%); em seguida aparecem as vogais: [a] e [e] com (42,2%) e (10,4%) respectivamente. Ao compararmos estes resultados aos de Melo (2008, p. 87), observamos que a ordem de significância das variantes diverge dos desta pesquisa, pois a vogal [a] nos estudos de Melo alcança o maior índice de ocorrência, sendo sucedida pelas médias posteriores [ɔ, o] e a média alta posterior [u]; por fim, aparece a vogal [e] que, assim como nos nossos resultados, aparece em último lugar.

Os estudos de Castro (2006, p. 53) apontam para o fato que no contexto antecedente, se sobressai a vogal [o], no entanto, em nossos estudos não foram encontradas ocorrências com esse contexto. A vogal [ε], que em nossa pesquisa é a grande favorecedora da semivogal, ocupa o segundo lugar na pesquisa realizada por Castro (2006 p. 53), seguindo, em ordem decrescente as vogais: [a], [i], [ɔ], e a vogal [e], que, assim como neste estudo, ocupa o último lugar, sendo desfavorecedora da semivogal [j]. Brandão (2007, p.98) destaca em sua pesquisa que [j] ocorre, preferencialmente, depois de vogal aberta.

No contexto subsequente, encontramos apenas duas vogais, a vogal baixa [a] com o percentual de 88,3% e a vogal [o] com 11,7%.

Os dados de Melo (2008, p. 90), também no contexto subsequente, nos mostram que a vogal [u] é a que mais favorece a variante /y/ e a vogal [ɐ] ocupa o segundo lugar seguido de [ã, a]; em último lugar encontra-se [ɛ, e] como sendo a menos pronunciada.

### **5.3. Apagamento do /ɫ/**

Nos nossos dados, no que se refere ao contexto antecedente, há uma predominância da vogal aberta / ɛ/ (53,3%), sendo ela a grande responsável pelo apagamento do /ɫ/, nesse contexto. Melo (2008, p. 84), por sua vez, não detectou em seus resultados ocorrências de [ø]. Já os estudos realizados por Brandão (2007, p. 93) indicam que, no contexto antecedente, a vogal [i] é a que mais favorece os casos de cancelamento. Em nossa pesquisa, a vogal alta anterior [i] aparece ocupando o segundo lugar com o percentual equivalente a 40% das ocorrências; e por último encontramos a vogal média alta anterior [e] (6,7%).

No contexto subsequente houve uma predominância absoluta da vogal [a] (100%), única influência para o apagamento do / ɫ /. Em relação ao apagamento nesse contexto, Melo não detectou nenhuma ocorrência em seus dados.

### **5.4. A despalatalização de /ɫ/**

No que diz respeito à despalatalização do fonema, houve uma única ocorrência em todo o *corpus*, na palavra “ovelhinha” [ove'lĩɲa], tendo como contexto antecedente a vogal [e] e em contexto subsequente a vogal nasalizada [ĩ].

Em Melo (2008, p. 87), no contexto antecedente, [lj] é favorecida em primeiro lugar pela vogal alta posterior [u], seguida da vogal baixa [a], da vogal média anterior [e] e por último, das médias posteriores [o, ɫ]. Já em contexto subsequente, os resultados concernentes a [lj] apontam para o ditongo como maior elemento favorecedor desta realização.

## **6. Fatores sociais condicionantes do /ʎ/**

A exemplo da apresentação dos fatores linguísticos, iremos expor não apenas os nossos resultados, mas tentaremos estabelecer comparações com os dados dos autores que estudaram a questão no Brasil.

### **6.1. Faixa etária**

Em nossos dados, a população mais jovem (18-30anos) realizou mais a variante [ʎ], com o percentual de 51,7%, fato que ocorreu também no estudo de Melo (2008, p. 94). Em segundo lugar, neste estudo, encontra-se a semivogal [j] com o percentual de 2,7% e [ø] também com o percentual de 2,7 %; entretanto, quanto a estas duas últimas realizações, os dados de Melo (2008, p. 94) são diferentes, pois, de acordo com ela, quem ocupa o segundo lugar como variante favorável é a lateral alveolar palatalizada [lj], que, nos resultados de nossa pesquisa, ocupa o último lugar com 0,3% tendo sido produzida por apenas uma informante. No que se refere ao zero fonético, que disputa o segundo lugar no número de ocorrências, em Melo (2008, p. 94) não foi detectada nenhuma realização.

Nos estudos de Castro (2006, p. 39-40), as gerações mais novas usam tanto o [ʎ] quanto a variante [j], porém há uma relação entre a diminuição da idade e a preferência pelo uso da consoante lateral palatal. Com isso, Castro aponta para uma preferência maior pelo uso da semivogal na fala dos mais idosos, o que não ocorre nesta pesquisa, pois observamos aqui, que os informantes na segunda faixa (50-65 anos) aparecem como os mais conservadores de [ʎ] (38,6%), seguido da semivogal [j], (2,7%); por último, encontra-se o [ø] contendo apenas 1,3% das realizações.

A variante [ʎ] em Brandão (2007, p. 96), distribuiu-se pelas três faixas etárias de forma homogênea, como sugerem os pesos relativos, medianos e bastante aproximados (faixas de 18-35anos: 0,51; 36-55 anos: 0,43; 56-76 anos: 0,54). Soares (2009, p. 4) conclui serem os mais jovens os maiores favorecedores da variante [lj], apesar dos idosos apresentarem também preferência pela variante [lj]; entretanto, diferentemente dos dois autores citados anteriormente, a variante [lj] em nossos estudos ocupa o menor percentual em detrimento das demais (0,3%), contendo apenas uma ocorrência, produzida pela faixa etária mais jovem. Já em relação

aos índices referentes a [j], Brandão (2007, p. 96) mostra que tal variante está mais presente na fala dos indivíduos mais velhos, sendo que em nossa pesquisa a variante [j] é produzida com o percentual de 2,7%, tanto pelos mais jovens quanto pelos mais idosos.

Em Razky e Fernandes (2010, p. 387) verifica-se que a segunda idade (50–65 anos) atua positivamente à realização de [ʎ] em detrimento a primeira faixa etária, que obteve atuação baixa, o que não ocorre em nossas observações, pois, constata-se aqui que os mais jovens são os maiores favorecedores da variante [ʎ] apesar dos idosos também demonstrar preferência pela variante [ʎ]. Assim como em Razky e Fernandes (2010, p. 387), os dados encontrados neste estudo também se distanciam dos de Freire (2011, p. 86), que em seus estudos apontam ser os jovens os que mais usam as variantes [l], [j] e [ø] enquanto que os mais idosos tendem a fazer uso da variável aceita como de prestígio.

## **6.2. Gênero**

Nesta pesquisa, constatamos que tanto os homens quanto as mulheres apresentam preferência pela lateral palatal [ʎ] em relação às demais variantes (/j/; /ø/ e /lj/). De fato, obtivemos os seguintes dados: a lateral palatal é a forma de maior prestígio para ambos os gêneros, com leve preponderância entre as mulheres, com 48,1% em comparação aos homens que apresentaram um percentual de 42,1%. Esses resultados distanciam-se dos estudos realizados por Melo (2008, p. 97) que indicam que, enquanto as mulheres têm uma inclinação maior para a variante despalatalizada [lj], os homens são os que mais favoreceram a variante palatalizada [ʎ]. Ainda relacionados ao fator sexo. Os resultados dessa pesquisa afastam-se também dos de Soares (2009, p. 2) que indicam serem as mulheres as que mais favorecem as realizações [lj] enquanto falantes do sexo masculino têm preferência pela variante [j]. Contudo, os dados de nossas observações aproximam-se dos de Freire (2011, p. 82) para quem são as mulheres que tendem a preservar a variante lateral palatal, estando os homens em menor proporção.

## **6.3. Escolarização**

No que tange ao nível de escolaridade, não podemos estabelecer comparações com as nossas populações, mais jovem e mais idosa, tendo

em vista que todos estão na mesma faixa de estudos (até o quinto ano do nível fundamental) por se tratar de informantes do ALiAC. Registramos, contudo, que a variante [ɫ] é a mais prestigiada, somando um percentual de 90,3%. Tais resultados distanciam-se dos de Melo (2008, p. 95), que, para a mesma faixa de escolarização, encontrou a variante [ɫ] com o menor índice, seguida de [lj] e depois de [y].

No que se refere ao grau de escolaridade, cabe registrar aqui para efeito comparativo a análise realizada por Madureira (1999, p. 137), na qual ela diz que a maior parte dos falantes do grupo socialmente menos favorecido desconhece a articulação da lateral palatal; inversamente aos estudos de Madureira, constatamos que, nos informantes com escolarização somente até o quinto ano do ensino fundamental, a lateral palatal (90,3%) atingiu o maior percentual e a lateral alveolar palatalizada [lj], com o percentual de 0,3% é a variante menos produzida.

Os dados apresentados por Brandão (2007, p. 93), assim como os encontrados nessa pesquisa, surpreendem, pois há um elevado índice de [ɫ] na fala de indivíduos de baixo nível de escolaridade e residentes em áreas rurais ou semiurbanizadas que tradicionalmente são apontadas como tendente à iotização. De forma diferente, os estudos realizados por Soares (2009, p. 6) apontam que, quanto menor é a escolaridade, os falantes tendem mais ao uso de [j], ao passo que a maior escolaridade os faz dar preferência a [lj]. Na nossa pesquisa, constatamos que as variantes [lj] e [y] ocupam respectivamente as últimas posições, sendo a lateral palatal [ɫ] a mais produzida, o que não ocorre, por exemplo, nos resultados analisados por Freire (2011, p. 84). Nesse estudo, se descobriu serem os informantes escolarizados os que mais produzem o segmento considerado padrão, o fonema / ɫ /, em oposição aos informantes analfabetos que realizam mais as variantes consideradas não padrão, respectivamente, [l], [j] e [ø].

## **7. Considerações finais**

O estudo sobre a lateral palatal na fala dos informantes demonstrou que: [ɫ] é predominante na fala de todos os informantes, principalmente nos mais jovens e nas mulheres, e em segundo lugar encontra-se [y] como variante mais produtiva, seguido de [ø] e [lj]. Predominantemente [ɫ] ocorre depois da vogal média alta anterior [e] e antes da vogal alta posterior [u] enquanto que as variantes [y] e [ø] ocorrem preferenci-



almente depois da vogal média anterior aberta [ɛ] e antes da vogal baixa [a]. E [lj], com apenas uma realização, tende a ocorrer depois da vogal [e] e antes da vogal nasal [ĩ].

Por fim, cabe registrar que os resultados aqui encontrados, embora em pequeno número, podendo ser ampliados, podem ser comparados aos de diversos autores, embora, em alguns aspectos, divirja dos de Melo, autora que se debruçou sobre esta questão com falantes do Acre.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de. A despalatalização e conseqüente iotização no falar de fortaleza. *XIV Jornada de Estudos Linguísticos do Gelne*. Natal: UFRN, 30/10 a 01/11 de 1996.

\_\_\_\_\_. A variação fonético-lexical em atlas linguístico do Nordeste. *Revista do GELNE*, Ano 1, Nº 2, 1999.

\_\_\_\_\_. Os estudos fonético-fonológicos no estado do Ceará. *SIGNUM*, n. 7/1, p. 21-41, Londrina, 2004.

\_\_\_\_\_. Os estudos fonético-fonológicos nos Estados da Paraíba e do Ceará. *Revista da ABRALIN*, v. 8, n. 1, p. 163-184, 2009.

BRANDÃO, Silvia Figueiredo. Um estudo variacionista sobre a lateral palatal. *Letras de Hoje*, v. 42, n. 3, p. 89-99. Porto Alegre, 2007.

CALLOU, Dinah; LEITE, Yonne Freitas. *Iniciação à fonética e à fonologia*. 4. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

CASTRO, Enilde Fortunato. Sobre o uso da semivogal [y] e a inserção da lateral palatal [ʎ] no português brasileiro. Belo Horizonte: UFMG, 2006.

CAMARA JR., Joaquim Mattoso. *Para o estudo da fonêmica portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1977.

CHAVES, Lindinalva Messias do Nascimento; MELO, Francisca Eleni Silva de. A fala da zona urbana de Rio Branco (AC) fatores extralinguísticos no processo de despalatalização de /ʎ/. *Revista Philologus*, Ano 16, Nº 46 Supl.. Rio de Janeiro: CÍFEFiL, 2010.

CRUZ, Gabriela Fontana Abs da. O processo de semivocalização de líquidas laterais em posição pré-vocálica: uma revisão teórica. *Letrônica*,

v. 2, n. 2, p. 49-57, Porto Alegre, 2009.

CRUZ, Leonilto Manoel da. *Variação da lateral palatal: uma palhinha no falar do Campus Paricarana*. Disponível em: <<http://ponderador.blogspot.com.br/2012/04/variacao-da-lateral-palatal-uma.html>>. Acesso em: 09-06-2012.

FREIRE, Josenildo Barbosa. *A variação da lateral palatal na comunidade de Jacaraú (Paraíba)*. João Pessoa: PROLING, 2011.

MADUREIRA, Evelyne Dogliani. Reanálise de alguns aspectos da vocalização da lateral palatal no português. *Rev. Est. Ling.*, v. 8, n. 1, p. 125-145, Belo Horizonte, 1999.

MAIA, Eleonora Motta. *No reino da fala: a linguagem e seus sons*. São Paulo: Ática, 1985.

MELO, Francisca Eleni Silva de. *A despalatalização dos fonemas / ʎ / e / ɲ / na fala urbana de Rio Branco – AC*. Rio Branco: UFAC, 2008.

RAZKY, Abdelhak; FERNANDES, Maria Eneida Pires. Atlas Linguístico do Brasil: a palatal /ʎ/ nos Estados do Amapá e Pará. *Signum: Estud. Ling.* n. 13/2, p. 375-393, Londrina, 2010,

SILVA, Thais Cristóforo. *Fonética e fonologia do português*. São Paulo: Contexto, 2002.

SILVEIRA, Regina Célia Pagliuchi da. *Estudos de fonologia portuguesa*. São Paulo: Cortez, 1986.

SOARES, Eliane Pereira Machado. *A influência de condicionamentos sociais sobre as realizações da lateral palatal na fala paraense*. Uberlândia: Edufu, 2009.

STEIN, Cirineu Cecote. O percurso acústico-articulatório da alofonia da consoante lateral palatal. *Revista Eletrônica de Linguística*, Vol. 5, n° 1 – 1° semestre 2011.